

Montanhas Mágicas: de Castor a Castorp

Eliana Sousa Santos

ISCTE CES.UC PT

Caminhar pelos os Alpes é também fazer um percurso pela a história cultural da Europa inscrita nessa paisagem. Pareceu-nos urgente fazer esta viagem e debater a identidade cultural da Europa numa altura em que assistimos a múltiplas instâncias que contribuem para a sua fragmentação. De Castor a Castorp evoca o cognome de Simone de Beauvoir, a quem os amigos chamavam Castor, assim como o apelido do protagonista do bildungsroman de Thomas Mann *Der Zauberberg* (1924)—Hans Castorp. Seguimos os percursos destes e outros autores—de Stendhal a W. G. Sebald—num caminho que trilha o imaginário alpino desde o século XVIII até ao presente. A viagem foi organizada em quatro partes, deu origem a uma série de ensaios, escritos e fotográficos, publicados no *Jornal Público*, que representam diferentes paisagens e identidades culturais marcadas por obras literárias, arquitectónicas e autores que definem parcialmente a memória cultural Europeia¹. O projecto da viagem foi feito com o Tiago Silva Nunes que é o autor das fotografias.

1 - Sousa Santos, E., & Silva Nunes, T. (2018). Série Montanhas Mágicas. *Jornal Público*. Retrieved from www.publico.pt/serie-montanhas-magicas

Cada um dos ensaios apresenta uma viagem pela paisagem geográfica mas também pela paisagem cultural e histórica daqueles lugares. Quase todos os autores que seguimos foram influenciados por Jean-Jacques Rousseau que, no passeio que descreve a sua estadia em Île-St-Pierre em *Les Rêveries du Promeneur Solitaire* (1782) descreve o Lago Biel: “de todos os lugares onde vivi nenhum me fez tão feliz”, e caracteriza aquela paisagem como mais “selvagem e romântica” do que a do Lago Genéve. Por vezes, Rousseau “remava até ao meio do lago, quando as águas estavam calmas, e aí deitava-[se] ao comprido no barco dirigindo o olhar para o céu” e deixava-se andar à deriva durante horas, “sem necessidade de se lembrar do passado ou imaginar o futuro em que o tempo se dissolvia

e o presente se estendia sem limite mas sem duração, sem nenhum outro sentimento que o da existência.”² A revelação de Rousseau—a sua descrição de coalescência com a natureza—afectou criticamente a produção literária e artística dos séculos XIX e XX.

No primeiro capítulo da viagem partimos de Nice, no Sul de França, e seguimos ao longo do rio Ródano até à fronteira com a Suíça, trilhando os percursos de Simone de Beauvoir, que durante a sua juventude caminhou nas montanhas que rodeavam Marselha³. No segundo, partimos de Genebra e fomos até ao glaciário onde nasce o Ródano, uma paisagem marcada pelas produções artísticas e científicas do século XIX, seguindo o trilho de Horace de Saussure e as suas explorações científicas dos Alpes⁴. No terceiro, seguimos três exílios, o de Richard Wagner em Lucerna, de Thomas Mann em Davos, e o de Friedrich Nietzsche em Sils. Fizemos uma caminhada em Wertach, nos Alpes Algäu, a terra natal de Sebald, que nos levou a reflectir sobre os conflitos do século XIX e XX⁵. No quarto e último ensaio, seguimos as narrativas de Stendhal desde o Lago de Como até Milão, regressando a Nice por Génova, de onde Garibaldi partiu para a Sicília continuando a luta pela unificação de Itália⁶, e fizemos a caminhada do protagonista da *Cartuxa de Parma* de Stendhal, que nos levou a pensar sobre a unificação da República de Itália. Ao percorrer este território—as fronteiras entre a França, a Suíça, a Alemanha e a Áustria—percorremos também uma série de guerras, desde as Napoleónicas até à II Guerra Mundial, que marcaram a história da Europa.

1. Castor

Começámos por visitar os Alpes Marítimos, iniciando o nosso percurso em Roquebrune, onde visitámos a casa E1027 que Eileen Gray construiu em 1929. Depois disso seguimos para Cassis, onde Virginia Woolf passou alguns invernos. No mesmo ano em que Gray construiu a sua casa, Woolf publicou *A Room of One's Own* (1929), uma reflexão sobre a condição das mulheres, em que para a maioria das quais a independência estava ligada à fortuna pessoal. Nesse ensaio Woolf afirma “uma mulher tem de ter dinheiro e um quarto só para si, se quiser escrever.”⁷

É no mesmo ano, 1929, a jovem Simone de Beauvoir é enviada para Marselha onde irá dar aulas de filosofia no Lycée Montgrand. É em Marselha que Beauvoir descobre o prazer de caminhar sozinha, subindo todos os picos—“o Garlaban, o Mont Aurélien, Sainte-Victoire, o Pilon du Roi”⁸—e descendo todas as calanques. Nas suas expedições, Beauvoir “procurava uma

2 - Rousseau, J. J. (1992). *Reveries of a Solitary Walker*. Cambridge: Hackett Publishing Company, p. 62.

3 - Santos, E. S., & Nunes, T. S. (2018) Caminhantes solitários: derivas na Arcádia. *Público*. Retrieved from <https://www.publico.pt/2018/09/23/cultura-raipsilon/reportagem/caminhantes-solitarios-derivadas-na-arcadia-1844732#gs.eocbftFR>

4 - Santos, E. S., & Nunes, T. S. (2018). Sublime alpino: Arte e Ciência. *Público*. Retrieved from <https://www.publico.pt/2018/09/30/cultura-raipsilon/ensaio/sublime-alpino-arte-e-ciencia-1845487#gs.eDuubjU4>

5 - Santos, E. S., & Nunes, T. S. (2018). Exílios da memória: progresso e nostalgia. *Público*. Retrieved from <https://www.publico.pt/2018/10/14/cultura-raipsilon/ensaio/identidades-imaginadas-exilios-e-memoria-1847143#gs.LXcsVffR>

6 - Santos, E. S., & Nunes, T. S. (2018). Impérios inconstantes: revolucionários e futuristas. *Público*. Retrieved from <https://www.publico.pt/2018/10/21/cultura-raipsilon/ensaio/imperios-inconstantes-revolucionarios-futuristas-1848051#gs.u3etvWON>

7 - Woolf, V. (2004). *A Room of One's Own*. London: Penguin Books, p.4.

8 - Beauvoir, S. de. (2013). *La Force de l'Âge* (e-book). Paris: Gallimard.

9 - idem.

revelação em cada colina ou vale, e sempre a beleza da paisagem ultrapassava as [suas] memórias e expectativas.”⁹ Caminhar tornou-se numa obsessão que lhe permitia criar um lugar de reflexão e independência. Para Beauvoir a caminhada era um lugar de afirmação pessoal, um room of her own “sozinha caminhei pela névoa suspensa no topo de Sainte-Victoire”¹⁰.

10 - idem.

Beauvoir descreveu os trilhos do Mont Sainte-Victoire como “caminhos vermelhos e ocres, através da planície de Aix, onde reconhecia as telas de Cézanne”¹¹. Também nós subimos o sentier Rouge até ao Pas du Berger na base do cume do Mont Sainte-Victoire. Durante a subida a metamorfose continua a ser surpreendente, à medida que nos aproximamos do topo os trilhos passam rodear a montanha, o perfil pintado por Cézanne altera-se, e aquilo que era imagem transforma-se em espaço e matéria, cores e reflexos em rochas e sombras.

11 - idem.

2. Prometeu

Na segunda parte da viagem partimos de Genebra, passamos pelos trilhos que rodeiam o Matterhorn e visitamos o glaciar Aletsch, terminando a viagem no início do Grimsel Pass. Este percurso permitiu-nos reflectir sobre a longa separação entre os campos da arte e da ciência que ocorreu desde o século XVIII até ao presente. Aí encontramos os Alpes como objecto de interesse científico, como lugar de contemplação artística, e como desafio para escaladas heróicas. Em todas estas instâncias os Alpes materializam a ideia de sublime, de espanto perante a escala destas montanhas.

Em Genebra, visitámos já ao anoitecer a Vila Diodati, onde em 1816, no ano sem verão, Mary Shelley começou a escrever *Frankenstein or the Modern Prometheus*. O tema que Shelley explorou é o do mito de Prometeu na era Moderna, a hubris da procura do conhecimento e as consequências inesperadas da sua descoberta. Também visitámos o CERN, onde no presente se explora uma outra faceta da ideia de Sublime, o da exploração do universo infinitamente pequeno.

O imaginário alpino foi criado pelo enorme sucesso de livros como *Julie, ou la Nouvelle Héloïse* (1761) de Rousseau, pelos estudos científicos de Saussure, pela alegoria de *Frankenstein*, pelas viagens e pelas conquistas épicas e trágicas de alpinista, transformando esta paisagem no que Leslie Stephen — pai de Virginia Woolf — chamou o recreio da Europa—*Playground of Europe*—onde os turistas procuravam a experiência estética do Sublime.

3. Castorp

Na terceira parte da viagem rumámos a norte, passando pelos lagos da Suíça germânica e pelas várias paisagens que influenciaram os exílios de Richard Wagner, Friedrich Nietzsche e Thomas Mann. Este percurso permitiu-nos reflectir sobre o papel da arte como expressão da identidade colectiva durante o século XIX.

Foi em Davos que, em 1912, Thomas Mann visitou a sua mulher, Katia, no Wald Sanatorium. Nesse ano Mann começou a escrever *Der Zauberberg*—A Montanha Mágica (1924)—mas foi interrompido pela Primeira Guerra Mundial, um período que passou a escrever *Reflexões de um apolítico* (1918). As ideias que expõe nessa obra são inesperadas para o leitor contemporâneo, Mann afirma que “o espírito nacional fala através de [si]” quando diz que “a tradição germânica é cultura, alma, liberdade, arte e não civilização, sociedade, direito ao voto, e literatura.”¹² Se é verdade que Mann mais tarde se afastou destes textos, eles permanecem como um testemunho da sua posição durante a guerra.

Depois disso passou seis anos a escrever *Der Zauberberg* que foi publicado em 1924. É nessa montanha mágica que o seu protagonista, Hans Castorp passa sete anos em diálogo com outras personagens definidoras da cultura Europeia. Só quando chamado pelo dever para com a pátria, no início da Primeira Guerra Mundial, é que Castorp abandonou a montanha mágica. Mann coloca Castorp na frente de guerra onde “pleno de horror, um produto da ciência se atravessa trinta metros à sua frente, enterra-se no solo [e] explode dentro da terra com uma força horrenda que atira ao ar um jacto de solo, fogo, ferro, chumbo e humanidade desmembrada,”¹³ enquanto Castorp, entoa a melodia de *Der Lindenbaum*, canção do *Winterreise* de Franz Schubert.

Depois de Davos e regressámos ao vale do Engadin, seguindo o curso do rio Inn passando por St. Moritz até Sils, uma pequena vila no fim desse vale. Foi aqui Nietzsche passou a maior parte dos verões a partir de 1881, no início do seu exílio peripatético, depois de abandonar a universidade de Basileia. Durante as suas estadas em Sils, Nietzsche passava os finais do dia a caminhar pelo Val Fex e a admirar a paisagem que aliviava os seus sintomas. Fizemos uma caminhada nesse vale, ao longo do rio Fedacla, passando por Fex Crasta em direcção aos glaciares. Num dia ameno de verão, passámos pelos pequenos aglomerados de casas tradicionais do Engadin preservadas para evocar tempos mais harmoniosos.

12 - Mann, T. (1983). *Reflections of a Nonpolitical Man*. New York: Frederick Ungar Publishing, p. 17.

13 - Mann, T. (1999). *The Magic Mountain*. London: Vintage, p. 715.



4. Cartuxa

Na última parte desta viagem regressámos ao Mediterrâneo, passando pelos lagos da Lombardia e pelos lugares que inspiraram narrativas de Stendhal e Aldo Rossi. Passámos por Milão e pelas planícies do rio Pó até à Ligúria e terminámos a viagem em Nice. Este percurso permitiu-nos reflectir sobre o momento de entusiasmo republicano, no seguimento das Guerras Revolucionárias Francesas, que deu origem à República Cisalpina. Encontrámos marcas de conflitos num território cujas fronteiras foram constantemente negociadas, os lugares resultantes das migrações internas do pós-Guerra e os monumentos que celebram a luta pela unificação de Itália. Estas paisagens revelam as tensões entre a imposição de fronteiras artificiais do estado-nação sobre o mosaico orgânico de múltiplas identidades.

Numa tarde sombria, onde encontrámos árvores despidas, numa paisagem marcada pelo abandono melancólico passámos pelas planícies do Pó, onde aconteceu a Batalha de Marengo. Como Sebald descreve em *Vertigo*, quando Stendhal chega a Marengo, “exactamente quinze meses e quinze dias” depois da batalha que ocorreu “olha para a planície e repara nas poucas árvores despidas, e vê, espalhados por uma vasta

área os ossos de talvez 16000 homens e 4000 cavalos que ali perderam as vidas, já brancos e brilhantes com o orvalho.”¹⁴ Dali rumámos até Génova onde visitamos o teatro Carlo Felice renovado em 1991, segundo o projecto de Rossi . Do teatro original só restaram as colunas e a inscrição latina coroada por um anjo. Uma figura trágica, com um braço despedaçado, erguido sobre os destroços da catástrofe “ele gostaria de parar um momento, para ressuscitar os mortos e reconstruir o que foi destruído.” As suas asas parecem abertas pela “tempestade que sopra do Paraíso [e o empurra] irresistivelmente para o futuro, para o qual tem as costas voltadas.” Nas palavras de Walter Benjamin, “aquilo ao qual chamamos o progresso é esta tempestade.”¹⁵

Seguimos para periferia leste de Génova, para visitar o lugar de onde Giuseppe Garibaldi embarcou com a Spedizione dei Mille – um milhar de voluntários – a caminho da Sicília no dia 5 de Maio de 1860, um dos momentos cruciais do processo de unificação de Itália. No final da viagem “o Mediterrâneo estava sombrio e as nuvens cinzentas suspensas no céu azul. As nuvens adensam-se colorindo o mar de chumbo, e nós permanecemos em silêncio, pensando sobre o ímpeto ancestral de atravessar o Mediterrâneo, que desde Ulisses permanece como um desafio para as errâncias dos audaciosos.”¹⁶

14 - Sebald, W. G. (2002). *Vertigo*. London: Vintage, p. 17.

15 - Benjamin, W. (2003). *On the Concept of History*. In *Selected Writings* (Vol. 4, pp. 389–411). Cambridge Mass.: Harvard University Press, p. 392.

16 - Santos, E. S., & Nunes, T. S. (2018). *Impérios inconstantes*.